

COMMERCIO DO MINHO

4.º ANNO 1876

FOLHA COMMERCIAL RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 539

Assigna-se e vende-se no escriptorio do EDITOR E PROPRIETARIO José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3 E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.—As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

PUBLICA-SE
AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇOS: Braga, anno 1\$600 rs.—Semestre 850 rs.—Provincias, anno 2\$000 rs e sendo duas 3\$600 rs.—Semestre 1500 rs.—Brazill, anno 3\$600 rs.—Semestre 1\$900 rs. moeda forte, ou 8\$000 reis e 4\$500 reis moeda fraca.—Anuncios por linha 20 rs., repetição 10 rs. Para os assignantes 20 % d'abatimento.

BRAGA—TERÇA-FEIRA 5 DE SETEMBRO

O forum da calunnia é d'uma amplitude interminavel; e assim era preciso para conter toda essa chusma de boas almas que vão macaqueando na piugada do patriarcha de Ferney, que ainda assim, comparado com alguns dos seus discipulos, não era tão mau como se diz.

Para conseguir ingresso áquelle vasto anfiteatro, é sufficiente uma consciencia maleavel, um coração obdurado pelas paixões, ou uma insciencia chapada com pretensões ridiculas.

Querem saber quem hoje vamos alli surprehender, acororado junto ao obelisco do angulo mais extremo?

E' um padre!!!

E' um padre, aquelle que devia ser o sal da terra e a luz do mundo, que despe a batina para evergar a bluzza dos *sans-culottes*, para, em nome d'uma liberdade que é licença, vociferar contra uma instituição que elle deveria ser o primeiro a defender, contra uma instituição que é abençoada por todo o mundo!!!

E' um padre, aquelle que devia arvorar o labaro da paz,—sustentando o pendão negro da rebelião!

E' um padre, aquelle que devia apostolar a doutrina que edifica—prégando o verbo que destroe!

Leiam a carta que de Barcellos nos envia um nosso illustrado amigo, e que em seguida publicamos.

A simples noticia de que se resolvera em Meza da Santa Casa da Misericordia, d'aquella villa, a admissão de cinco irmãs hospitaieiras para tractamento dos enfermos pobres, irritou a bilis do sacerdote indigno, que logo foi espalmar os seus desabafos, os seus receios pela perichiticação da «santa liberdade», nas magras columnas do jornal, onde, segundo se diz, costuma exhibir os seus bouitos dotes de livre-pensador!

Custa-nos a acreditar n'estas aberrações deploraveis; no entanto o facto não é, infelizmente, unico, nomeadamente desde que Portugal vive á sombra d'uma coisa que por ahi chamam «liberdade», que não é senão a antinomia da verdadeira liberdade, e o eufemismo de licença.

Na correspondencia que abaixo segue, allude o nosso amigo aos actos de administrações anteriores, no hospital d'aquella villa.

Sobre isto nada diremos, deixando ao nosso presado correspondente plena liberdade para publicar n'estas columnas o que julgar justo e conveniente para esclarecer esta questão, que seguiremos de perto conforme nos impõe o dever de jornalistas catholicos.

Barcellos, 30 d'agosto de 1876.

(Do nosso correspondente).

Appareceu aqui hontem no jornal da terra—«Aurora do Cávado»,—um artigo editorial, ou da redacção, em que o seu auctor, referindo-se á resolução da Meza da Santa Casa da Misericordia,—que todavia ignoramos se é, ou não, verdadeira,—de admitir cinco irmãs hospitaieiras para tratamento dos pobres enfermos, estranha tão apaixonadamente o caso nefando, que facilmente seria o publico tentado a suspeitar de tamanho zelo pelo bem-estar dos enfermos do hospital d'esta villa.

Infelizmente, assim como pelo dedo se conhece o gigante, tambem o tosurado articulista não teve o bom senso de occultar o bico da pata, que deixou muito a descoberto.....

S. revd.^{ma} agoura mal da empresa, e é pena; porque ao menos d'antes não era assim. Felizes tempos!

Outra infelicidade não somenos é, que s. s.^a, ao terminar o seu substancioso e liberalissimo artigo, mente d'uma maneira descarada, quando diz, que ha muita gente que professa as suas ideias no tocante ao assumpto, resolvendo-se a sollicitar a a reunião da assembleia geral dos irmãos da Santa Casa para pedir á Meza contas d'este seu passo, (a admissão das cinco irmãs hospitaieiras.)

Na verdade, a não ser s. s.^a, ou o sabio Solitario de biliosa memoria, não sabemos aqui de ninguém, (e note que dizemos—ninguem,—) que desconheça os importantissimos serviços d'essas mulheres admiraveis, voluntariamente sacrificadas á practica heroica da santa e celestial virtude da caridade, tidas na conta de *anjos do céu* na capital da Turquia, e aqui, no reino fidelissimo, todos os dias apedrejadas pelos liberalões de marca maior, herdeiros dos frades, assassinos da moral e da honra, e para quem o matar um padre era menos difficil que beber um copo d'agua.....

Mas deixemos isto,—que é velho,—e vamos ao melhor.

Valha-te Deus! Então irão tão longe os tempos, em que a administração interna da Santa Casa andava—Deus sabe,—por que mãos? Será preciso ir folhear velhos alfarrabios para saber-se aqui, em Barcellos, o que por lá ia, nos annos das vacas gordas... quando o açougue e as gallinhas dos pobres davam para tudo!...

E vem-nos depois fallar em augmento de despeza, (quando tal não ha, porque ainda n'isto quer mentir o pseudo-apostolo!) sem se lembrar do zelo de Judas o traidor, quando em nome dos pobres lamentava o desperdicio do balsamo precioso, derramado aos pés do Salvador!... Quem te não conhecer, que te compre...

E que pena, por a benemerita Meza, onde avultam caracteres, como Simões da Silveira, Costa Guimarães, etc. etc., passar a si mesmo carta de incapacidade para a missão que os irmãos da Misericordia lhe confiaram com seus votos!...

E depois, os perigos—naturalmente, a perda da nossa independencia, ou do Banco cá da terra,—que consigo pôde trazer, e por certo trará, esta cousa de habitos de freiras, de institutos religiosos, ou cousa que o pareça! dir-se-ia que o sujeito herdou por lá algum catre, ou cama aparelhada, da Franqueira, ou de Villar!... Deus sabe! mas ás vezes, por artes de Mephistopheles...

Porque, sobretudo, o que encanta, é este zelo da *santa liberdade*, (entendida á moda de 1834,) queremos dizer, a liberdade do mal, a escravidão do bem e da virtude!—Isto sim, que é progresso.—

Naturalmente, o articulista do jornal, onde expectoravam infamias, nunca ouvidas, os Brunos, os Boaventuras, os Solitarios, e outros patifes de igual jaéz, lamenta com accents de Jeremias a escravidão d'aquellas jovens, que, desprezando o mundo, se devotam á vida do claustro, para viverem para Deus, para si e para o proximo, ligadas pelos votos religiosos;—mas talvez nunca teve uma frase, uma palavra d'indignação, contra os devassos, sem sentimentos nem sombra de consciencia, que desde 1871 a fins de 1875, arremessaram aos prostibulos do Porto mil trezentas e setenta e tantas victimas!!! E isto impunemente! e isto á sombra da arvore florida da liberdade! e isto em nome do progresso e das aspirações livres da humanidade!...

Que lhe parece ao sabio articulista? talvez ache isto bonito e sobremodo ci-vilizador!

Tem razão;—á vista d'este sol que nos illumina, viva a liberdade! E, se a cousa é assim,—conclusão final,—enforquem-se as irmãs hospitaieiras, de carida-

de, de S. Patricio, etc., e viva o postibulo!....

Londres, 9 de Julho de 1876.

(A' redacção do «Apostolo».)

(Conclusão)

Noticiei ultimamente a conversão notavel de tres clérigos Protestantés; pois agora noticiarei a de um joven da aristocracia, segundo dois documentos os mais authenticos, que appareceram respectivamente no Times de tres-antehontem, e antehontem. E' a conversão do filho segundo de Lord Nelson, da qual seu pai mesmo foi o primeiro a dar-nos noticia em uma carta que ao Times dirigiu. Queixa-se Milord principalmente, de que o padre Catholico que recebeu o filho na Igreja, consentisse em que este desse aquelle passo sem o consultar a elle pai, ou lhe dar previamente parte da sua determinação de fazer-se Catholico. A carta é mui longa e contem outras accusações; mas como participam muito mais de declamação que de argumento, não vale a pena transcrevela.

No Times do dia seguinte, ante hontem, o padre que recebeu na religião Catholica o joven aristocrata responde ás accusações de Lord Nelson. O dito padre é um do convento dos Congregados de S. Filippe Neri, o maior dos conventos em Londres, edificado ha menos de 30 annos, se bem me recordo, e onde tem entrado, pela maior parte, clérigos Protestantés que se tem feito catholicos, e que eram dos mais habéis e distinctos na religião Anglicana.

O facto, por exemplo, que como eu toda a gente que entrara na bella e vasta igreja do convento (junto do grande e celebre Museu de Kensington) pôde testemunhar de terem os 8 ou 10 confissionarios, ao longo dos dois lados da mesma igreja, nomes dos confesores a quem pertenciam, e todos estes nomes sem excepção, serem de clérigos e doutores Protestantés que se tenham feito catholicos, parece-me bastante significativo.

A um d'estes Padres, pois, o joven Nelson, (neto do grande Nelson Almirante) recorreu para que o recebesse na Igreja Catholica, e o mesmo sacerdote, o Reverendo Henrique G. Bowden, satisfz o seu desejo, mas depois de competente exame da seridade de resolução, da competente instrucção na doutrina Catholica, etc.

Como este caso vai, sem duvida, fazer alguma bulha (e além d'isto estou persuadido que havemos de ter frequentes exemplos de casos semelhantes) entendo convir o apresental-o mais por extenso. E parece-me, que nada poderá d'elle dar ideia tão comprehensiva como a carta que ao Times escreve o Padre Bowden, no papel de 7 do corrente, em resposta ás accusações de Lord Nelson. Abreviarei quanto possa, sem ommittir o essencial, para se poder ajuizar correctamente do caso. Escreve o Padre do Oratorio ao Times:

«Sou eu o padre a cuja conducta se refere Lord Nelson em sua carta de hontem. Eis aqui os motivos que determinaram o meu procedimento:

«Em 5 de Junho procurou-me um joven e disse-me, queria ser admitido na Communhão Romana. Examinei-o e achei sabia e cria a doutrina Catholica Romana, e d'ella usava por livros competentes e approvados, ha 3 ou 4 annos.

«Verifiquei, tambem, que ia a fazer os seus 20 annos de idade; capaz assim de formar suas opiniões religiosas e proceder conforme a ellas.

«Perguntei-lhe, além d'isso, se eram vivos seus pais, cujo nome ou classe não conhecia. Disse-me, que viviam, mas preferia não os informar do passo que dava senão depois d'elle dado; porque, ha tres

annos, seu pai se tinha enfadado muito com a ideia de tal conversão.

«Entendi então que o continuar M.^r Nelson como protestante seria um acto de hypocrisia e como parecia ser o só motivo intelligivel para sua inconsistencia passada consenti em recebê-lo sem o conhecimento de seu pai; mas disse-lhe que desse parte a seu pai no dia mesmo em que fôra recebido.

«Farei, portanto, notar que:

1.º—Nunca aconselhei, e menos ainda encorajei decepção qualquer da parte de M.^r Nelson para com seu pai; mas pelo contrario, que foi por minha expressa recommendação que elle o informou a primeira vez que o viu depois.

2.º—Que posto eu não considere a ordem de um pai em materias de crenças religiosas como perentoria e suprema, não me podem accusar de querer destruir e abolir a auctoridade paternal?

3.º—Accusa-me Lord Nelson de «presumptiva indecente» em receber seu filho que dez dias antes era «membro contente da Igreja Inglesa». Eu perguntaria, se o frequentar os officios da Igreja Catholica e praticar devoções essencialmente Romanas por espaço de tres annos, é consistente com tal disposição de animo?

4.º—M.^r Nelson informa-me, que o ministro Protestante a que elle estava habituado a confessar-se durante os ultimos tres annos, e que Lord Nelson diz havia tranquilizado as suas duvidas, nunca entrou com elle em controversia religiosa; e pelo contrario, o animou na pratica de suas favoritas devoções Romanas, systema de direcção que eu não posso emprehender de explicar.

5.º—Lord Nelson diz, que seu filho não tinha receio d'elle. Eu não posso impedir-me de pensar, que o seu forte apêgo á sua propria religião lhe fez exercer inconscio terrorismo sobre seu filho, como pôde ver-se das severas prohibições que lhe impunha; e que isto, juntamente com a direcção espiritual quasi Romana (*) sob que o havia sido posto, lhe impediu apreciar distinctamente o estado de seu espirito.

«Em quanto certos membros da Igreja Inglesa estiverem no habito de imitar a devoção Romana de celebrar a Missa, invocar os santos, confissão oral, recitar o rosario, e outras semelhantes, seguir-se-ham conversões, que, apesar de parecerem subitas, sam só consequencia necessaria de semelhante conducta.

«Seu obediente servo,

Henrique G. Bowden.

Oratorio. S. W. 6 de Julho de 1876.»

Londres 20 d'Agosto de 1876.

Ao Commercio do Minho.

Eis ahi outra carta que pela mesma razão que a precedente, eu não tinha enviado—faltando-me o tempo para rever a cópia (que não é de minha lettra), e não querendo enval-a sem as correções de que muito carecia.

Londres, 20 de Julho de 1876.

A. R. SARAIVA.

(*) Allude a que os Ritualistas, em que veio a transformar-se a parcialidade da Igreja Anglicana que antes chamavam *Pusuyistas*, adoptam e imitam as vestimentas, fórmias e ritos da Igreja Catholica, assim como as praticas dos Catholicos, como a confissão auricular, o rosario, o jejum, etc.

O que fomos, e o que somos.

Fomos um povo que, depois de uma longa oppressão do jugo mauritano, nos levantamos como um só homem, com a espada na mão, e com a cruz sobre o peito, e capitaneados por um príncipe magnânimo e guerreiro, despedaçamos as cadeias, que prendiam a nossa liberdade, e expulsamos os bárbaros do nosso território, e laureados com a victoria, nos reunimos em côrtes, para fazer leis com aquelle que, sendo portuguez, e com o prestigio das victorias, que lhe a sua bravura, elegemos e proclamamos rei, e ao juramento que deu de manter e observar o código fundamental lhe correspondemos com o do nosso preto e homagem.

O que fomos? Uma nação pequena na extensão do seu territorio, mas que em Ceuta renovou o seu valor, e quasi dos confins do Occidente se tornou a rainha dos mares e com os esporões das suas naos abriu as portas do Oriente, que foi o theatro dos nossos feitos que assombraram o mundo.

O que fomos? Está escripto na nossa historia, sendo cada pagina o brado do nosso valor e patriotismo. A idéa predominante d'essas eras de saudade foi dilatar os nossos dominios com a luz do Evangelho, que hoje se pretende apagar, e alienar talvez parte d'essas possessões, que os nossos maiores alcançaram com o valor e com o sangue, e que foram o assumpto da grande epopêa do nosso primeiro poeta.

O que fomos? Attestam-no as cathedraes, os templos magestosos, que a piedade christã, que era o sentimento geral da nação e dos nossos monarchas, levantou á Virgem, que, depois de Deus, é a rainha dos nossos cultos e solemnidades, como são os de Sancta Maria da Batalha, e de Belem, monumentos de recordações heroicas, que a picareia e alvião do scepticismo religioso ainda respeita, e outros, cujo material foi convertido em edificios, onde se representam scenas, não para corrigir e adoçar costumes, mas para desmoralisar os espectadores.

O que fomos? Um povo unido pelo sentimento religioso e politico, em cujas corações sempre palpitou o amor da patria, que nos deu a força e a bravura para obrarmos os altos feitos, com que restauramos em 1610 a nossa liberdade e independencia.

O que fomos? Um povo, em que a religião tinha por primeiro templo a consciencia, o respeito á lei um dever sagrado, e o amor ao rei quasi que tocava o fanatismo.

O que somos? Somos filhos dos que encanecidos no serviço da patria, morreram com as cicatrizes da honra e do valor, escarnecidas por tal modo, que os expulsastes das fileiras do exercito, dando-lhes como recompensa dos serviços a liberdade de esmolar, muitas vezes contrariada pela falange dos assassinos.

O que somos? Descendentes d'esses benemeritos magistrados que, em nome da liberdade mandastes-lhes despir a toga adquirida pela sciencia, integridade de caracter, e justiça com que procediam aos julgamentos.

O que somos? Somos oriundos d'esses zelosos empregados, que substituístes por homens estranhos aos processos das repartições, na maior parte analfabetos, sendo alguns batefolhas, barbeiros, e correios das vossas confidencias.

O que somos? Somos parentes e amigos d'essas poucas reliquias, que ainda transitam entre nós, que expulsastes dos claustros, que muitos illustraram com as suas letras e virtudes, e que condemnastes á miseria e irrisão.

O que somos? Somos portuguezes que, quando pretendemos beneficio, ou qualquer emprego, o nosso merito é desconhecido, só porque voltamos as costas a certas seduccões.

O que somos? Somos um povo, em que o cynismo mais revoltante explora o lar domestico, dando publicidade ao que se passa no intimo da familia.

O que somos? Somos um povo, em que a missão da imprensa, devendo unir as intelligencias, e fazer de todos os povos um povo de irmãos unidos pela sublime caridade, tornou-se o órgão da devastação e da ruina, proclamando as más doutrinas, atacando a verdade, servindo-se do jornal e dos livros como meios, para os fazer passar de mão em mão nos estabelecimentos dos operarios e dos palacios, com o fim de perverter as intelligencias e approximar-nos ao ultimo grão da decadencia.

O que somos? Um povo onerado de tributos que, na sua escala ascendente, nos reduziram a pão e agua, e a esqueletos ambulantes parando na presença da opulencia dos barões, que tem levantado sumptuosos palacios com os capitães dos enormes juros, extorquidos pela usura ao thesouro da nação.

O que somos? Um povo, em que a apostasia dos Mirandas, e outros da mesma laia, nascida, não espirito, porque este não está na altura da sciencia, mas do coração... a da ambição das libras, com inqualificavel cynismo estabelece o publico ensino do protestantismo, sem que a auctoridade se opponha á propagação do erro e da falsa doutrina.

O que somos? Um povo, em que se quer extinguir a fé, e com o apagador da indiferença e da incredulidade apagar a luz do Evangelho.—(A Nação).

GAZETILHA

Casa de saúde.—Diz-se que brevemente vai inaugurar-se, na rua de S. João, este utilissimo estabelecimento, dirigido pelo ex.^{mo} sr. Alfredo Passos.

Cabrera.—Um telegramma de Windsor, em 30, refere o fallecimento de D. Ramon Cabrera, noticia que é hoje plenamente confirmada pelos jornaes.

Sobre as peripecias que acompanharam os seus ultimos momentos, guardamos inteira reserva, esperando as informações do nosso dedicado correspondente de Londres.

Romagem.—Verifica-se nos dias 7 e 8 a romagem de N. Senhora do Porto d'Ave, uma das mais concorridas da provincia.

Como se acha já concluida a nova estrada até ao santuario, é licito esperar que neste anno a concorrência será duplicada.

No dia da romagem, 8, ha comboios a preços reduzidos do Porto a esta cidade e estações intermediarias.

Deposição.—As agencias telegraficas communicam-nos que Murad V acaba de ser deposto, sendo substituido por Abd-ul-Kamid. O reinado d'estes porém parece que terá curta duração, porque varios medicos são concordes em que a raça Osman, combalida pelos excessos de todo o genero, estará extinta no espaço de 10 annos quando muito.

Natividade da SS. Virgem.—Festeja-se no proximo dia 8 a Natividade da SS. Virgem, na Misericordia, Carvalheiras, Santa Cruz, S. Lazaro e Bom Jesus do Monte.

Feira.—Effectua-se na sexta-feira proxima a feira que annualmente se faz no logar da Misericordia, freguezia de Ferreiros.

Obito.—Falleceu ha dias em Lisboa o notavel escriptor dramatico, o sr. Duarte de Sá, director do Conservatorio.

Grande incendio em Lisboa.—Os jornaes e correspondentes da capital noticiam um horroroso incendio que alli houve na madrugada do dia 1. O correspondente para o «Commercio Portuguez» diz assim:

O incendio manifestou-se no segundo andar do predio que faz esquina para o largo de Pelourinho e de S. Julião. O fogo reduziu quasi a rainas tres predios.

Para o largo de S. Julião, estes predios, que pertencem ao sr. visconde de Carnide, tem tres andares e aguas fortissimas; o primeiro, o do largo de Pelourinho, numero 1 a 7, 7 janellas de frente e 3 trapeiras; o segundo, o central, n.º 8 a 12, 4 janellas e 2 trapeiras; e o terceiro, o do canto, n.º 12 a 14, 3 janellas e 2 trapeiras; em toda a frente para S. Julião, 14 janellas de frente em cada um dos andares e 7 trapeiras. Para o largo do Pelourinho, o predio, com os n.º 31 a 38, apresenta 8 janellas de frente e 3 trapeiras. Total, 76 janellas. O segundo é nas companhias inglezas Norwich-Union e London New-Castle.

Os inquilinos eram: lado de S. Julião, á esquina, no 1.º andar, Companhia das aguas; e fronteiro o deposito de ferragens do sr. Braga; no 2.º, a Edificadora, segura na Indemnizadora em réis 2 000\$000 no 3.º, o sr. Pina Vidal, seguro na Fidelidade; no 4.º, lado direito, as cinco senhoras, irmãs Santos, das quaes adiante fallarei, D. Maria Henriqueta, D. Mathilde Rosa, D. Felicidade; D. Victoria Maria e D. Emilia Amalia, com o sobrinho, sr. Alfredo Augusto dos Santos e um hospede allemão, sr. Joseph Gross, sem seguro; e nas lojas, a drogaria da sr. D.

Rita de Cassia, antiga casa Fernandes Irmaões, e o estabelecimento de ferragens do sr. Ferreira Braga, seguro na Fidelidade em réis 10:000\$000.

No predio contiguo moravam, no 1.º andar, esquerdo, o sr. Henrique Gregorio Maia, seguro na Fidelidade em réis 4:000\$000; direito o sr. Tugman com o escriptorio das biblias, seguro na London New-Castle; no 2.º, esquerdo, o sr. A. Theodoro de Barros, seguro na Queen em 5:000\$000 réis; direito, a Associação auxiliadora dos fabricantes de pão, sem seguro; no 3.º, esquerdo, o sr. Estevão Nunes, seguro na Fidelidade; direito, o sr. Marques de Magalhães, seguro na dita companhia; no 4.º, esquerdo, o sr. Francisco Matheus, seguro na dita companhia 500\$000 réis; direito, a sr.ª D. Rosa Maria e o sr. João Teixeira e tres filhos, sem seguro, e mais a sr.ª D. Maria Gertrudes da Silva, seguro na Bonança 400\$000 réis. Nas lojas, o deposito de vinhos do sr. João Brito; a drogaria dos snrs. Raposo & Sobrinho, seguro na Bonança; o escriptorio do dono dos predios, o sr. visconde de Carnide, e uma officina de carpinteiro; e o armazem de ferro e carvão do sr. José Gregorio, seguro na Fidelidade.

Para o lado do Pelouro, residiam: 1.º andar, Companhia das aguas; 2.º, direito, Edificadora, e esquerdo o pintor hespanhol, D. José Ceballos; 3.º, direito, o sr. Vidal, esquerdo, o sr. Raposo e sua familia, seguro na Phenix 3.000\$000; 4.º, direito, as cinco pobres sr.ªs Santos, e esquerdo o sr. José Damoso.

As perdas nas mobílias, em todos os andares, são grandes. A Companhia Edificadora, como a das Aguas, salvou os livros da sua escripturação, e aquella um cofre com 6:000\$000 réis, que alli estavam para as férias de hoje.

Em diferentes casas encontraram os bombeiros dinheiro, que foram depositar na inspecção. Uma das quantias era de 38\$000 réis, além de um pequeno cofre que suppõe ter ouro.

Impressões de um protestante relativamente á Egreja Catholica.—Do *Univers*, de Paris.

«Meu caro senhor.—Não tenho necessidade de argumento algum para me convencer, de que a Egreja Catholica é a verdadeira Egreja christã. Pelos seus fructos conheci-os-heis; tem sido esta para mim uma prova constante e indubitavel; tenho sempre observado que todas as outras communhões, são sómente theoreticas nas suas boas obras.

Os catholicos são unicos que nas suas boas obras são praticos e theoreticos ao mesmo tempo. Nascido no protestantismo, descobri desde a idade de 16 annos, que todos os protestantes são semelhantes aos sepulchros caiados, e n'estas circumstancias tornei-me infiel, e o meu espirito está ainda subjogado pelas sombras da incredulidade. Se eu pudesse crer na divindade de Christo fazia-me catholico. Tenho-me esforçado por fazer nascer em mim essa fé, mas a minha razão rebella-se contra as inclinações do coração.

Não obstante amo a Egreja Catholica e as suas obras, e quero que os meus filhos sejam educados no catholicismo.»

Quatro conversões notaveis nos ultimos dias!—1.ª A do filho mais velho de Michelet, estudante distincto de medicina em Strasburgo. O pae quiz enterrar o cadaver do filho civilmente (ou á maneira dos brutos), mas não o conseguiu. O illustrado mancobo tinha pedido e recebido os Sacramentos com admiravel fervor e devoção.

2.ª Tocqueville, grande escriptor, senador francez. Falleceu munido de todos os Sacramentos e com grande edificação de quantos lhe assistiram.

3.ª O príncipe Odescalbi. Abjurou publicamente seus erros em Napoles. Seus antigos companheiros, impios e revolucionarios, quiseram-o fazer passar louco, logo que isto souberam, chegando a enganar muita gente boa; mas a calumnia descobriu-se e triunfou a verdade com descredito dos perversos.

4.ª Paulo de Féval, notavel romancista. Não se guardou para a ultima hora; e o fervor com que tem abjurado seus erros, acompanhado devotas precissões e frequentado os Sacramentos, tem dado muito que fallar, alegrando summamente os catholicos.

Louvores a Deus!
Incendio a bordo.—Em data de 25 do mez passado participam de Anvers para Paris a seguinte noticia:

O vapor «Funch», capitão Knudsen, da White Cross Line (linha da cruz bran-

ca), procedente de Nova-York com um carregamento completo, chegou hontem á noite á enseada de Flessingen, trasendo fogo a bordo. Apesar de todos os esforços foi impossivel extinguir o incendio.

O navio e o carregamento são considerados como perdidos. A tripulação salvou-se. Estava tudo seguro por 2 milhões em Anvers e em Paris.

Drama misterioso.—Um drama misterioso lançou o sobresalto entre os habitantes da aldeia de Kerbimbim, perto de Plogastel, Finisterra.

A aldeia compõe-se, além dos edificios que servem para a exploração agricola, de uma casa dividida em dois corpos habitados, um pelo proprietario, sua mulher e seus quatro filhos, e outro pelo caseiro e sua familia.

Sabbado passado, pelas seis horas e meia da manhã, o caseiro, saindo de sua casa, ficou muito espantado ao ver uma fumarada espessa que se escapava pelas fendas da porta e da janella do quarto occupado pelos esposos Cornec e seus filhos.

Bateu com força e repetidas vezes a seguir tauto á porta como á janella, e como não obtivesse resposta, chamou por soccorro e tratou entrar á força no aposento dos esposos.

Na occasião em que arrombava a janella, o fogo irrompeu de repente ao contacto do ar e com violencia extrema, pela abertura que acabava de ser praticada.

O caseiro esteve em riscos de ficar gravemente queimado. De balde tentaram por diversas vezes approximar-se da porta; estava tambem em fogo.

Tornou-se então evidente que toda a esperança estava perdida de levar soccorro ás seis victimas que se achavam no meio d'aquella fornalha ardente.

No entanto não se ouvia lamento nem gemido no interior.

Correram a prevenir immediatamente as auctoridades e a gendarmaria, e houve que esperar que o fogo tivesse acabado a sua obra terrivel antes de penetrar na casa.

Só no domingo foi possivel começar os trabalhos do desentulho, e em presença dos membros do tribunal de Quimper que acabavam de chegar, acompanhados de um facultativo, conseguiu-se descobrir seis cadaveres completamente carbonizados na camada espessa de cinzas.

Eram os de Cornec pai, de sua esposa, e de quatro filhos.

Suppõe-se que o incendio foi posto pelo proprio Cornec que, havia muito tempo já, não gosava da plenitude das suas faculdades intellectuaes.

A punição da embriaguez.—Já uma vez aqui dissemos, diz o «Primeiro de Janeiro» como na Suecia eram tratados os ebrios, hoje temos a accrescentar o seguinte:

Ao primeiro acesso de embriaguez, o ebrio é punido com uma multa de 15 francos ao segundo, de 30 francos; ao terceiro, perde os seus direitos de eleitor e de elegivel; ao quarto, o seu nome é pronunciado com despreso na igreja parochial e ao quinto, é condemnado a 6 mezes de trabalhos forçados.

Qualquer ecclesiastico, qualquer funcionario surpreendido em estado de embriaguez, suspenso ou demittido. Um homem morto por embriaguez é sepultado como um cão.

A principio não faltou quem appellasse para os sentimentos filantropicos a favor dos ebrios; mas depois entendeu-se que os meios rigosos eram os mais efficazes.

Telegrammas de Lisboa.—LISBOA 2.—O «Diario» publica: portaria louvando João da Camara Leme pelos distinctos serviços prestados para a educação do sexo feminino nas escolas do Funchal; aviso declarando aberto concurso para provimento das seguintes egrejas: S. Pedro de Abbaças, no concelho de Villa Real; Nossa Senhora da Gloria, no concelho de Aveiro; S. Pedro da Varzea de Goes, no concelho de Coimbra; despachos concedendo licenças, por 30 dias, ao juiz da comarca de Oliveira do Hospital; por 20 ao delegado de Caminha; por 60 ao delegado de Penacova e por 20 ao da Villa da Feira; portaria nomeando João Damasco da Silva director da alfandega.

Falleceu a bordo do «Equateur» vindo do Brazil, o passageiro Antonio José Dias. Chegaram tres navios de guerra francezes.

Na Bolsa fizeram-se hoje as seguintes transacções: Acções do Banco Lusitano 80\$000 réis; obrigações dos camihos de

ferro do Minho e Douro, coupon, 84\$800; inscrições de assentamento 49,00; ditas de coupon 49,00; fundos hespanhoes, coupon, primeiro semestre 12,71; ditos; coupon corrente 12,39; ditos para 30 do corrente 12,83 e 12,84.

—Fizeram se hoje na casa da moeda as experiencias das libras falsas. Verificou-se serem de platina. Conhece-se a falsificação pelo toque, pela imperfeição do gravado das palavras *Gratia Dei* e pela pequena elevação do canho. São todas de 1862.

—Hoje um soldado de artilheria atirou um tiro contra um cabo que o tinha accusado aos seus superiores. A bala matou um soldado que estava perto do cabo. O assassino suicidou-se em seguida.

Reunião de credores.—Hontem (1) n'uma das salas do tribunal do commercio houve reunião de credores da casa bancaria Carmo, Sobrinho & C.^a, a fim de declarar-se concedida a moratoria d'um anno, pedida pela mesma casa, a fim de n'este prazo solver os seus debitos.

A moratoria foi concedida unanimemente. (P. de Janeiro.)

Prestação.—Amanhã verifica-se a recepção da 2.^a prestação da 4.^a emissão do emprestimo para os caminhos de ferro do Minho e Douro, perdendo os portadores dos titulos que faltarem ao pagamento, a importância da 1.^a prestação.

Noticias militares.—Da *Ordem do Exercito* n.^o 24, transcrevemos o seguinte:

Estado maior de artilheria.—Coronel, o tenente coronel, Emygdio José Xavier Machado.

Regimento de artilheria n.^o 2.—Tenente coronel, o major do regimento de artilheria n.^o 1, Francisco Ernesto da Silva, e capitão da 3.^a companhia, o primeiro tenente de artilheria, Feliciano Henrique Bordallo Prostes Pinheiro.

Regimento de artilheria n.^o 3.—Major, o capitão do estado maior de artilheria, João Correia de Mesquita.

Batalhão de caçadores n.^o 3.—Tenente ajudante, o alferes ajudante, Antonio Augusto Botelho.

Batalhão de caçadores n.^o 10.—Alferes, os alferes graduados, do batalhão de caçadores n.^o 5, Manuel Alves da Silveira, e do regimento de infantaria n.^o 14, Francisco Joaquim de Cerqueira Junior.

Batalhão de caçadores n.^o 12.—Tenente ajudante, o alferes ajudante, Christovão Gil Curvo Semmedo de Portugal da Silveira.

Companhia de correcção do castello de Angra.—Tenente, o alferes, João Maria de Montes e Freitas.

Praça de Elvas.—Exonerado do governo, o general de brigada, Francisco Xavier Lopes, pelo pedir.

Governador, o general de brigada, Roque Francisco Furtado de Mello.

Exonerado do exercicio de ajudante de campo do governador, o capitão do corpo de estado maior, Alberto Ferreira da Silva Oliveira, pelo pedir.

Commissões.—Coroneis de artilheria, os tenentes coroneis, Antonio da Rosa Gama Lobo, e José Maria Cabral Calheiros, continuando no serviço em que se acham.

Os tenentes, do batalhão de caçadores n.^o 10, Jayme, Arthur de Mascarenhas Bastos, e do batalhão de caçadores n.^o 12, Eduardo Augusto Rodrigues Galharjo.

Fabrica da polvora.—Director, o tenente coronel do regimento de artilheria n.^o 2, José Gonçalves.

Praça de S. Julião da Barra.—Major da praça, o major da praça de Elvas, Joaquim Bento da Cunha.

As côres que desbotam.—Ahi vão algumas palavras sobre a conservação das tapeçarias e das fazendas:

Ninguém ignora que a luz do sol, como a da lua, come as côres. Os raios actinicos da luz decompõem a materia colorante, e os matizes mais resistentes acabam por alterar-se.

O sr. Campronier, natural da Belgica fez ultimamente algumas experiencias interessantes, não sobre tecidos coloridos, mas sobre borboletas.

Todas as collecções de insectos são desbotadas pela luz; só na escuridão é que podem ser conservadas. O sr. Campronier quiz verificar em quanto tempo as bellas côres das borboletas desaparecem e estudou a influencia relativa dos diferentes raios que compõem a luz branca.

Como são ss côres verdes e carmim as que desbotam mais depressa á luz do dia, o sr. Campronier escolheu para estas experiencias algumas azas inferiores d'*euchelia jaubaea*, que tem uma magnifica cor de carmim.

Encerrou essas azas em pequenas caixas, fechadas por vidros de côres diferentes e expostas ao sol.

Foram estes os resultados observados:

Vidro sem cor.—Quinze dias depois da exposição, o carmim já começava a decompor-se visivelmente; trinta dias depois a alteração era mais sensível, e noventa dias depois a alteração era mais sensível, e noventa dias depois estava tão adiantada a decomposição que o carmim passára a amarello.

Vidro azul.—Resultado igual.

Vidro verde.—Esta cor demora a decomposição, não começando esta senão no fim de um mez.

Vidro roxo.—Mal se percebe a decomposição ao cabo de cincoenta dias.

Vidro amarello.—Foi o unico que conservou quasi inalteravel a cor de carmim das azas, mesmo noventa dias depois da exposição aos raios solares.

Não ha, pois, preservativo absoluto. A luz consuma sempre a sua obra de destruição; é entretanto atravez de vidros amarellos que a decomposição das côres se torna mais demorada. As collecções entomologicas devem, pois ser guardadas sob vidros d'essa cor. Estas experiencias teem inteira applicação aos tecidos das tapeçarias e das mobílias.

Os tecidos verdes, as mobílias forradas de vermelho carmesim desbotam com muita facilidade. O verde transforma-se bem depressa em amarello. As novas tintas extrahidas do alcátrão teem um colorido lindissimo, mas de bem pouca duração. Disse-se com razão: «são um almoço de sol.» Cortinas tintas com a frecheina, a alizarina, etc., embranquecem em menos de um mez.

Quando, durante o verão, não se pôde manter os aposentos na escuridão, nem cobrir os moveis com uma capa espessa, é sem duvida alguma de grande vantagem adoptar, como preservativo, senão os vidros amarellos, pelo menos as cortinas amarellas.

O amarello não agrada a todos, bem o sei; mas o azul pouco mais preserva do que o branco.

A cor amarella é, com effeito, a que adoptaram os photographos para impedir que a luz activa penetre na camara escura; ella assim fica sem influencia sobre os saes de prata do cliché.

Uma dupla cortina, sendo uma d'ellas amarella, não deixa evidentemente que penetrem no aposento os raios solares, dotados de actividade chimica e preservam, tanto quanto é possível, a decomposição da cor do velludo, das sedas das cadeiras e das poltronas, as tapeçarias, quadros, etc.

A experiencia é facil e está ao alcance de todos. (Do J. do Porto.)

Contracto.—O jornal *Campeão das Provincias* refere o seguinte caso que não deixa de ter a sua graça:

«Em Estarreja quatro individuos fizeram entre si o contracto de não fumarem durante um anno, e o que transgredisse esta condição, desde que lhe fosse provado por testemunhas ou indicios claros, obrigava-se a pagar aos outros 25 moedas.

Foram a casa de um tabellião da villa, fizeram titulo d'este contracto, com hypotheças, reconheceram as assignaturas e desde logo depositaram na mão do tabellião o titulo, pois que da meia noite d'esse dia em diante começava a correr o anno.

Elles lá andam espreitando-se uns aos outros, com os bolsos sempre cheios de cigarros para tentarem os collegas, e a competente caixa de rapé no bolso para entreterem as impacencias do vicio.

O mais bonito é que, como nenhum d'elles estava affeito a tomar rapé, agora, quando se juntam todos quatro na praça e sorvem a respeitavel pitada, é uma artilheria de espirros que mette medo; mas tem graça para elles mesmos, porque estas salvas são acompanhadas de francas gargalhadas dos quatro amigos, patuscos de boa feição.

Como são todos homens pacatos e bons amigos, não ha a receiar que d'esta brincadeira nasça contenda.»

ULTIMOS TELEGRAMMAS DA AGENCIA HAVAS

ROMA 1—O cardeal Antonelli está melhor. Terminou o julgamento do marquez de Montegazza que foi condemnado a oito annos de grilheta por falsificar a assignatura do rei Victor Maquel.

CONSTANTINOPLA 1—O ex-sultão Mourad foi installado com sua familia no

palacio Tchegareno. A apresentação official do sultão Abdul Hamed na mesquita de Eyoud e na proxima sexta-feira e no sabado a leitura de «hatt» imperial.

LONDRES, 1—Realisou-se em Nottingham um «meeting» para protestar contra as barbaridades commettidas pelos turcos.

Leu-se uma carta do subsecretario do ministro dos estrangeiros disendo que o governo inglez dirigia á Porta as mais energicas representações a fim de lhe fazer comprehender que as crueldades produzirão o effeito de lhe alienar as sympathias da Inglaterra de uma forma desastrosa para a Turquia.

MADRID 1—A «Politica» diz que foi assignado o regulamento para executar a convenção entre Portugal e Hespanha relativa á navegação do Douro e ao trausito dos caminhos de ferro.

Um despacho official de Cuba diz que os negociantes cubanos subcreveram por cinco milhões de piastras para o novo emprestimo.

A primeira expedição dos reforços partirá de Sautander para Cuba em 20 do corrente.

O «Eco de Cartagena» noticia que o duque e a duquesa Saxe Meiningen são esperados brevemente n'aquella cidade.

O nuncio Simeoni regressou dos banhos de Gestona (Biscaia) a Madrid.

PARIS, 1—«L'Estafette» annuncia que a ex-rainha Izabel depois de tomar os banhos do mar, regressará a Paris onde passará o inverno.

O marido de D. Izabel chegou á capital da Baviera.

MADRID, 2—Diversos jornaes noticiam que os bandidos roubaram e abandonaram vasia, sobre a via ferrea de Madrid a Hendaya, uma caixa que continha 24.000 francos.

As auctoridades procuram os auctores d'este roubo.

PARIS 2—A Servia repelle as exigencias rigorosas da Turquia relativas á paz e prepara-se para campanha no inverno.

Os turcos operam junção para renovar o ataque contra Alexinatz.

SAÚDE A TODOS

sem medicina, purgantes nem despezas com o uso da deliciosa fariinha de saúde,

DU BARRY de Londres.

27 annos d'invariavel successo

2 Saude a todos pela deliciosa *Revalesscière* DU BARRY, que cura as indigestões (dyspepsia) gastrica, gastralgia, flegma, arrotos, amargor na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritações intestinaes, diarréa, desenteria, colicas, tosse, asthma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal aos nervos, diabete, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do alito, das bronchites, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue. 75:000 curas, entre as quaes contam-se a de S. S. o Papa, do duque de Pluskow, da exc.^{ma} sr.^a marquez de Brehan, do doutor Manuel Saenz de Tejada da Universidade de Cordova, etc. etc.

Certificado do dr. Manuel Saenz de Tejada, doutor da faculdade medica e cirurgica, lente da Universidade livre de Cordova, medico em proprio e do caminho de ferro de Merida a Sevilla, etc.

Certifico: Que com uso da *Revalesscière*, obtive na minha clinica varias curas em molestias gravissimas em alguns clientes residentes n'esta cidade, lembrando-me o de D. Filippe Zappina empregado publico, hoje administrador da alfandega d-Manila nas ilhas Filipinas, a de D. Amelie Gomes, casada com um chefe do exercito a qual continua a melhorar com o seu uso; de D. Ramon Alonzo, rapaz de vinte annos que soffria havia alguns mezes de uma molestia de peito de muita gravidade. E para fazer constar em toda a parte, assigno em Cordova em 13 de outubro de 1873.

Dr. Manuel Saenz de Tejada.

Seis vezes mais nutritiva do que a carne sem esquentar, economica cincoenta vezes o seu preço em remedios.—Preços fixos da venda por miudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kilo, 500; de 1/2 kilo 800 rs; de um kilo, 1\$400 reis; de 2 1/2 kilos, 3\$200 reis; de 6 kilos, 6\$400 reis, e de 12 kilos, 12\$000 reis.

Os biscoitos da *Revalesscière* que se podem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1\$400 reis.

O melhor chocolate para a saúde é a *Revalesscière* chocolateada; ella restitue o appetite, digestão, somno, energia as carnes duras ás pessoas, e ás creanças e mais fracos, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em paus, ou em pó em caixas de folha de lata de 10 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 820 reis; de 48 chavenas, 1\$400; de 120 chavenas, 3\$200 reis, ou 25 reis cada chavena.

BARRY DU BARRY & C.^a—Place Vendôme, 26, Paris; 77 Regent Street Londres; Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguistas, mercieiros, etc., das provincias devem dirigir os seus pedidos ao deposito Central; sr. Serzedello & C.^a Largo do Corpo Santo 16, Lisboa, (por grosso e miudo); Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Baral & Irmãos, rua Aurea, 12. Porto, J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia 77; de Sequeira; J. Pinto; Desléré Rahir; Coimbra, V. Botelho de Vasconcellos; Aveiro, F. E. da Luz e Costa, pharm.; Barcellos, Ramos, pharm.; Braga, Pharmacia Maia, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, Domingos J. V. Machado, praça Municipal. Figueira, Antonio Vieira, pharm.; Guimarães, A. J. Pereira Martins, pharm.; Penafiel, Miranda, pharm.; Ponte do Lima, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.; Povoas do Varzim, P. Machado de Oliveira, pharm.; Vianna do Castello, Afonso e Barros, droguistas; Villa do Conde, A. L. Maia Torres, pharm.

AGRADECIMENTOS

Summamente grato a todos os ill.^{ms} e exc.^{mos} snrs. que assistiram ao acompanhamento e responso de Gloria que por alma de minha filha Branca tiveram logar na capella de S. Miguel O Anjo, aqui lhes dou os meus agradecimentos e consigno os protestos de minha eterna gratidão.

Braga 1 de setembro de 1876.

Manoel Ignacio da Silva Braga.

D. Felizarda Rosa Vieira de Campos, o academico Antonio Bernardino Ribeiro de Vieira e Brito, o bacharel padre Francisco José Ribeiro de Vieira e Brito, o p.^o José Narciso Ribeiro de Sousa e Brito, e o abba-de José Bento Vieira de Campos não lhes sendo possível agradecer pessoalmente a todos os exc.^{os} snrs. e sr.^{as}, e revd.^{os} ecclesiasticos e mais pessoas, que os visitaram e prestaram serviços no funeral de seu sempre chorado marido, pae, irmão e cunhado o sr. dr. Francisco Hilario Ribeiro de Sousa e Brito, o fazem por este modo, promettendo a todos eterna gratidão.

Braga 1 de setembro de 1876.

Manoel Ignacio da Silva Braga.

D. Felizarda Rosa Vieira de Campos, o academico Antonio Bernardino Ribeiro de Vieira e Brito, o bacharel padre Francisco José Ribeiro de Vieira e Brito, o p.^o José Narciso Ribeiro de Sousa e Brito, e o abba-de José Bento Vieira de Campos não lhes sendo possível agradecer pessoalmente a todos os exc.^{os} snrs. e sr.^{as}, e revd.^{os} ecclesiasticos e mais pessoas, que os visitaram e prestaram serviços no funeral de seu sempre chorado marido, pae, irmão e cunhado o sr. dr. Francisco Hilario Ribeiro de Sousa e Brito, o fazem por este modo, promettendo a todos eterna gratidão.

Braga 1 de setembro de 1876.

Manoel Ignacio da Silva Braga.

D. Felizarda Rosa Vieira de Campos, o academico Antonio Bernardino Ribeiro de Vieira e Brito, o bacharel padre Francisco José Ribeiro de Vieira e Brito, o p.^o José Narciso Ribeiro de Sousa e Brito, e o abba-de José Bento Vieira de Campos não lhes sendo possível agradecer pessoalmente a todos os exc.^{os} snrs. e sr.^{as}, e revd.^{os} ecclesiasticos e mais pessoas, que os visitaram e prestaram serviços no funeral de seu sempre chorado marido, pae, irmão e cunhado o sr. dr. Francisco Hilario Ribeiro de Sousa e Brito, o fazem por este modo, promettendo a todos eterna gratidão.

Braga 1 de setembro de 1876.

Manoel Ignacio da Silva Braga.

D. Felizarda Rosa Vieira de Campos, o academico Antonio Bernardino Ribeiro de Vieira e Brito, o bacharel padre Francisco José Ribeiro de Vieira e Brito, o p.^o José Narciso Ribeiro de Sousa e Brito, e o abba-de José Bento Vieira de Campos não lhes sendo possível agradecer pessoalmente a todos os exc.^{os} snrs. e sr.^{as}, e revd.^{os} ecclesiasticos e mais pessoas, que os visitaram e prestaram serviços no funeral de seu sempre chorado marido, pae, irmão e cunhado o sr. dr. Francisco Hilario Ribeiro de Sousa e Brito, o fazem por este modo, promettendo a todos eterna gratidão.

Braga 1 de setembro de 1876.

Manoel Ignacio da Silva Braga.

D. Felizarda Rosa Vieira de Campos, o academico Antonio Bernardino Ribeiro de Vieira e Brito, o bacharel padre Francisco José Ribeiro de Vieira e Brito, o p.^o José Narciso Ribeiro de Sousa e Brito, e o abba-de José Bento Vieira de Campos não lhes sendo possível agradecer pessoalmente a todos os exc.^{os} snrs. e sr.^{as}, e revd.^{os} ecclesiasticos e mais pessoas, que os visitaram e prestaram serviços no funeral de seu sempre chorado marido, pae, irmão e cunhado o sr. dr. Francisco Hilario Ribeiro de Sousa e Brito, o fazem por este modo, promettendo a todos eterna gratidão.

Braga 1 de setembro de 1876.

Manoel Ignacio da Silva Braga.

D. Felizarda Rosa Vieira de Campos, o academico Antonio Bernardino Ribeiro de Vieira e Brito, o bacharel padre Francisco José Ribeiro de Vieira e Brito, o p.^o José Narciso Ribeiro de Sousa e Brito, e o abba-de José Bento Vieira de Campos não lhes sendo possível agradecer pessoalmente a todos os exc.^{os} snrs. e sr.^{as}, e revd.^{os} ecclesiasticos e mais pessoas, que os visitaram e prestaram serviços no funeral de seu sempre chorado marido, pae, irmão e cunhado o sr. dr. Francisco Hilario Ribeiro de Sousa e Brito, o fazem por este modo, promettendo a todos eterna gratidão.

Braga 1 de setembro de 1876.

Manoel Ignacio da Silva Braga.

D. Felizarda Rosa Vieira de Campos, o academico Antonio Bernardino Ribeiro de Vieira e Brito, o bacharel padre Francisco José Ribeiro de Vieira e Brito, o p.^o José Narciso Ribeiro de Sousa e Brito, e o abba-de José Bento Vieira de Campos não lhes sendo possível agradecer pessoalmente a todos os exc.^{os} snrs. e sr.^{as}, e revd.^{os} ecclesiasticos e mais pessoas, que os visitaram e prestaram serviços no funeral de seu sempre chorado marido, pae, irmão e cunhado o sr. dr. Francisco Hilario Ribeiro de Sousa e Brito, o fazem por este modo, promettendo a todos eterna gratidão.

Braga 1 de setembro de 1876.

Manoel Ignacio da Silva Braga.

D. Felizarda Rosa Vieira de Campos, o academico Antonio Bernardino Ribeiro de Vieira e Brito, o bacharel padre Francisco José Ribeiro de Vieira e Brito, o p.^o José Narciso Ribeiro de Sousa e Brito, e o abba-de José Bento Vieira de Campos não lhes sendo possível agradecer pessoalmente a todos os exc.^{os} snrs. e sr.^{as}, e revd.^{os} ecclesiasticos e mais pessoas, que os visitaram e prestaram serviços no funeral de seu sempre chorado marido, pae, irmão e cunhado o sr. dr. Francisco Hilario Ribeiro de Sousa e Brito, o fazem por este modo, promettendo a todos eterna gratidão.

Braga 1 de setembro de 1876.

Manoel Ignacio da Silva Braga.

D. Felizarda Rosa Vieira de Campos, o academico Antonio Bernardino Ribeiro de Vieira e Brito, o bacharel padre Francisco José Ribeiro de Vieira e Brito, o p.^o José Narciso Ribeiro de Sousa e Brito, e o abba-de José Bento Vieira de Campos não lhes sendo possível agradecer pessoalmente a todos os exc.^{os} snrs. e sr.^{as}, e revd.^{os} ecclesiasticos e mais pessoas, que os visitaram e prestaram serviços no funeral de seu sempre chorado marido, pae, irmão e cunhado o sr. dr. Francisco Hilario Ribeiro de Sousa e Brito, o fazem por este modo, promettendo a todos eterna gratidão.

Braga 1 de setembro de 1876.

Manoel Ignacio da Silva Braga.

D. Felizarda Rosa Vieira de Campos, o academico Antonio Bernardino Ribeiro de Vieira e Brito, o bacharel padre Francisco José Ribeiro de Vieira e Brito, o p.^o José Narciso Ribeiro de Sousa e Brito, e o abba-de José Bento Vieira de Campos não lhes sendo possível agradecer pessoalmente a todos os exc.^{os} snrs. e sr.^{as}, e revd.^{os} ecclesiasticos e mais pessoas, que os visitaram e prestaram serviços no funeral de seu sempre chorado marido, pae, irmão e cunhado o sr. dr. Francisco Hilario Ribeiro de Sousa e Brito, o fazem por este modo, promettendo a todos eterna gratidão.

Braga 1 de setembro de 1876.

Manoel Ignacio da Silva Braga.

D. Felizarda Rosa Vieira de Campos, o academico Antonio Bernardino Ribeiro de Vieira e Brito, o bacharel padre Francisco José Ribeiro de Vieira e Brito, o p.^o José Narciso Ribeiro de Sousa e Brito, e o abba-de José Bento Vieira de Campos não lhes sendo possível agradecer pessoalmente a todos os exc.^{os} snrs. e sr.^{as}, e revd.^{os} ecclesiasticos e mais pessoas, que os visitaram e prestaram serviços no funeral de seu sempre chorado marido, pae, irmão e cunhado o sr. dr. Francisco Hilario Ribeiro de Sousa e Brito, o fazem por este modo, promettendo a todos eterna gratidão.

Braga 1 de setembro de 1876.

Manoel Ignacio da Silva Braga.

D. Felizarda Rosa Vieira de Campos, o academico Antonio Bernardino Ribeiro de Vieira e Brito, o bacharel padre Francisco José Ribeiro de Vieira e Brito, o p.^o José Narciso Ribeiro de Sousa e Brito, e o abba-de José Bento Vieira de Campos não lhes sendo possível agradecer pessoalmente a todos os exc.^{os} snrs. e sr.^{as}, e revd.^{os} ecclesiasticos e mais pessoas, que os visitaram e prestaram serviços no funeral de seu sempre chorado marido, pae, irmão e cunhado o sr. dr. Francisco Hilario Ribeiro de Sousa e Brito, o fazem por este modo, promettendo a todos eterna gratidão.

Braga 1 de setembro de 1876.

Manoel Ignacio da Silva Braga.

D. Felizarda Rosa Vieira de Campos, o academico Antonio Bernardino Ribeiro de Vieira e Brito, o bacharel padre Francisco José Ribeiro de Vieira e Brito, o p.^o José Narciso Ribeiro de Sousa e Brito, e o abba-de José Bento Vieira de Campos não lhes sendo possível agradecer pessoalmente a todos os exc.^{os} snrs. e sr.^{as}, e revd.^{os} ecclesiasticos e mais pessoas, que os visitaram e prestaram serviços no funeral de seu sempre chorado marido, pae, irmão e cunhado o sr. dr. Francisco Hilario Ribeiro de Sousa e Brito, o fazem por este modo, promettendo a todos eterna gratidão.

Braga 1 de setembro de 1876.

Manoel Ignacio da Silva Braga.

